



<http://dx.doi.org/10.15448/1984-4301.2025.1.48023>

DOSSIÊ: AS NARRATIVAS DE FILIAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

## Pelos meandros da quase memória: narrativas de filiação e a busca pelo tempo perdido

*Through the meanders of quasi-memory: narratives of filiation and the search for lost time*

*Por los meandros de la cuasi-memoria: narrativas de filiación y la búsqueda del tiempo perdido*

**Priscilla Melo Ribeiro de Lima<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0003-2426-0715](https://orcid.org/0000-0003-2426-0715)  
[primlima@ufg.br](mailto:primlima@ufg.br)

**Recebido em:** 15 maio 2025.

**Aprovado em:** 27 set. 2025.

**Publicado em:** 15 dez. 2025.

**Resumo:** Este artigo busca analisar o romance de filiação *Quase memória*, de Carlos Heitor Cony. As narrativas de filiação se enquadram dentro das chamadas narrativas de si e buscam uma rememoração a partir da anterioridade do sujeito, ou seja, a partir dos antepassados do narrador-escritor. Em *Quase memória*, Cony apresenta uma narrativa voltada para a (re)construção da imagem de seu pai e das marcas deixadas por ele em sua vida. Entre os fragmentos de memória que dão forma à narrativa, deparamo-nos com o tempo da memória, que presentifica o passado e dá contornos à subjetividade do escritor-narrador. Situado entre as narrativas de filiação, *Quase memória* nos apresenta um herdeiro ambivalente que ora aceita ora rejeita a herança paterna. A narrativa fornece, também, elementos para investigação de uma teoria da memória e da narrativa memorialística de filiação que, ao focar nas figuras parentais e sua herança, acaba por desvelar aspectos do psiquismo e da temporalidade do inconsciente e da memória.

**Palavras-chave:** narrativas de si; narrativas de filiação; temporalidade; memória; Carlos Heitor Cony.

**Abstract:** This article aims to analyze the novel of filiation *Quase memória*, by Carlos Heitor Cony. The narratives of filiation are part of the so-called narratives of the self and seek to remember from the subject's previous existence, that is, from the ancestors of the narrator-writer. In *Quase memória*, Cony presents a narrative focused on the (re)construction of the image of his father and the marks he left on his life. Among the fragments of memory that shape the narrative, we come across the time of memory that makes the past present and outlines the subjectivity of the writer-narrator. Situated among the narratives of filiation, *Quase memória* presents us with an ambivalent heir who sometimes accepts and sometimes rejects his paternal inheritance. The narrative also provides elements for the investigation of a theory of memory and of the memorialistic narrative of filiation that, by focusing on parental figures and their inheritance, ends up revealing aspects of the psyche and the temporality of the unconscious and memory.

**Keywords:** narratives of the self; narratives of filiation; temporality; memory; Carlos Heitor Cony.

**Resumen:** Este artículo busca analizar la novela de filiación *Quase memória*, de Carlos Heitor Cony. Las narrativas de filiación se enmarcan dentro de las llamadas narrativas del yo y buscan recordar desde la historia previa del sujeto, es decir, desde los ancestros del narrador-escritor. En *Quase memória*, Cony presenta una narrativa centrada en la (re)construcción de la imagen de su padre y las marcas que él dejó en su vida. Entre los fragmentos de memoria que dan forma a la narración, nos encontramos con el tiempo de la memoria que hace presente el pasado y da forma a la subjetividad del escritor-narrador. Situada



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPGLL/FL/UFG), Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGP/FE/UFG), Goiânia, Goiás.

entre las narrativas de filiación, *Quase memória* nos presenta un heredero ambivalente que a veces acepta y a veces rechaza su herencia paterna. La narración también aporta elementos para investigar una teoría de la memoria y la narrativa memorialística de la filiación que, al centrarse en las figuras parentales y su herencia, termina revelando aspectos de la psique y la temporalidad del inconsciente y la memoria.

**Palabras clave:** narrativas de si; narrativas de filiación; temporalidad; memoria; Carlos Heitor Cony.

### Considerações iniciais

A narrativa de si, como espaço privilegiado de expressão do indivíduo, nasceu na modernidade capitalista. A separação que progressivamente surgiu entre indivíduo e sua comunidade gerou novas formas de manifestações literárias. Embora carregue um tom muitas vezes confessional, a escrita de si se diferencia desse tipo de escrita. Com uma busca por desvelar a própria subjetividade, as narrativas de si têm o eu e a trajetória do escritor/narrador como objeto de análise. Juntamente com o romance, a narrativa de si emergiu e se consolidou à medida que a contação de histórias, como meio de transmissão de valores comunitários, começou a ser desvalorizada na sociedade da técnica, conforme analisa Benjamin (2024). A sociedade ocidental passou a valorizar mais a realização individual e a singularidade do narrador, reprimindo o discurso da herança e a figura do herdeiro, analisa Demanze (2009). Eu penso, eu narro, eu existo.

Na Modernidade, a narrativa de si deixou de ser o testemunho de uma vida que encontrou a Verdade para ser uma "[...] busca da verdade, pela pesquisa da interioridade, pela elucidação da vivência pessoal e íntima. As autobiografias transformam-se em cuidadosos empreendimentos de auscultação das singularidades e especificidades da vida íntima" (Celes, 1993, p. 183). A produção autobiográfica moderna, dessa forma, pode ser analisada, conforme Calligaris (1998), como uma necessidade do sujeito moderno ocidental. Dentre as correntes de pensamento que afirmam que a narrativa de si é uma espécie de representação do sujeito por si mesmo ou que o sujeito é mero efeito de seu próprio texto, Calligaris assume uma postura diferente:

qualquer produção autobiográfica moderna pode ser considerada como um ato autobiográfico. Nessa perspectiva, o sujeito que fala ou escreve sobre si se produz pelo e no ato autobiográfico, reconstruindo o passado e construindo o futuro. Calligaris (1988, p. 51) afirma:

[...] se para o sujeito moderno falar de si responde à necessidade cultural imperiosa de reconstruir ao mundo e a si mesmo no silêncio deixado pelo ocaso da sociedade tradicional, a série das fórmulas de seus atos autobiográficos deve nos informar de maneira privilegiada sobre seu devir, sobre os caminhos pelos quais ele se constituiu e, quem sabe, sobre o seu futuro.

O surgimento dos diários íntimos e o uso das cartas para compartilhamento do mundo subjetivo fizeram da escrita de si, em um primeiro momento, um elemento mais de autorreflexão do que de reflexão do mundo social, ressaltam Calligaris (1998) e Celes (1993). Isso não quer dizer, entretanto, que esse tipo de narrativa não ofereça uma reflexão acerca da sociedade. Desde as *Confissões* de Rousseau, a narrativa de si leva o sujeito a reinterpretar sua trajetória formativa e assumir posições de continuidade ou ruptura em relação ao seu passado e à sua realidade, analisa Noronha (2014). Heller (1980, p. 239) destaca que as autobiografias são produção do indivíduo: "[...] toda autobiografia é a história da formação de uma personalidade. À medida que descreve como se forma a experiência de um ser humano e como ele é formado mediante essas experiências". Dessa forma, compreendemos que, mais do que apenas um relato de experiências vividas, a narrativa de si evidencia os processos de formação e constituição do indivíduo. Heller resalta ainda que a peculiaridade dessa forma de narrativa está em sua forma de refletir a interação do sujeito com o mundo, sua evolução e os traços da vida cotidiana.

A autobiografia é definida por Bakhtin (2010, p. 139) como "a forma transgrediente imediata em que posso objetivar artisticamente a mim mesmo e minha vida". A transgrediência seria a disposição do autor de se colocar fora do que está sendo pensado ou escrito. Nas narrativas de si,

torna-se evidente a capacidade do Eu narrador de se tornar um outro contemplador de si mesmo. Bakhtin afirma que esse componente fornece os elementos estéticos para o personagem criado. Entre os valores artísticos, apesar de ser o menos transgrediente à autoconsciência, o valor biográfico "pode organizar não só a narração sobre a vida do outro, mas também o vivenciamento da própria vida e a narração sobre a minha própria vida, pode ser forma de conscientização, visão e enunciação da minha própria vida" (Bakhtin, 2010, p. 139). É esse valor que provê as formas e os valores da "estética da vida" e a (re)construção do próprio sujeito através da escrita.

Narrar a própria história transforma o autor em um outro para si mesmo como em um espelho distorcido cuja imagem reflete o eu passado e o eu presente. Em seu quase romance analisado aqui, Cony (1995, p. 7) escreve uma espécie de advertência – nos moldes machadianos – em que alerta o leitor: "[...] os personagens reais e irreais se misturam, improvavelmente, e, para piorar, alguns deles com os próprios nomes do registro civil. Uns e outros são fictícios. Repetindo o anti-herói da história, não existem coincidências, logo, as semelhanças, por serem coincidências, também não existem". A narração e a criação (*poiesis*) de si se tornam possíveis na escrita autobiográfica através da transgrediência, segundo conceitualização de Bakhtin (2010). A própria ação de se recordar do passado, afirma Bakhtin (2010), se aproxima, tanto formalmente quanto esteticamente, da narração. Aproxima-se esteticamente porque "qualquer memória do passado é um pouco estetizada" (Bakhtin, 2010, p. 140). É uma busca por reconstrução do próprio passado, mas a partir do presente. Portanto, não se trata apenas de narrar os fatos tal como aconteceram, mas da forma como esse passado é recontado e as novas compreensões desencadeadas no sujeito narrador acerca de si mesmo.

O que fica na memória e na consciência do sujeito são apenas recordações que permitem uma visão esfumada e fragmentada da constituição da própria história. As construções que a escrita autobiográfica produz apontam para

lapsos de clareza e compreensão, como em um quebra-cabeça, em que a cada busca novas peças são encontradas. Freud (1996a, p. 279), em *Construções em análise*, faz considerações importantes nesse sentido, ao discorrer sobre o processo analítico: "O analista completa um fragmento da construção e o comunica ao sujeito da análise, de maneira a que possa agir sobre ele; constrói então outro fragmento a partir do novo material [...] lida com este da mesma maneira e prossegue".

Outro componente da narrativa de si é sua unidade axiológica indissolúvel, apesar da presença da narração de outros. Disso, compreendemos que, como em um movimento de costura e tessitura, a narrativa de si vai amarrando fragmentos de memória, narrações de outras pessoas que vão sendo internalizadas ao longo da vida, fragmentos de sonhos, entre outros elementos, e se transformando em uma unidade. Os vários personagens assumidos pelo sujeito ao longo da vida, somados à coletividade inerente ao ser humano, são partes de um todo biográfico. A contemplação da própria vida envolve sua recordação pelos outros, por descendentes, familiares e pessoas próximas. Bakhtin (2010, p. 142) assegura que as palavras alheias fornecem o relato de momentos necessários para a construção de um quadro compreensível e coerente do mundo do sujeito: "Sem essas narrações dos outros, minha vida não seria só desprovida de plenitude de conteúdo e de clareza como ainda ficaria interiormente dispersa, sem unidade biográfica axiológica". A narrativa de si fornece, portanto, uma possibilidade de unidade ante à fragmentação identitária própria do indivíduo da modernidade.

Em seu desdobramento a partir da década de 1980, a narrativa autobiográfica se modificou, e vimos surgir as *narrativas de filiação*, tal como nomeadas por Dominique Viart (2009). Expandindo a interioridade das narrativas de si, a narrativa de filiação vai em busca de uma anterioridade cujos elementos centrais envolvem a filiação, a herança e a transmissão, destaca Noronha (2014). Viart (2009, p. 96, tradução nossa) explica:

Essa forma literária tem a originalidade de substituir a narrativa mais ou menos cronológica do eu, compartilhada pela autoficção e pela autobiografia, por uma investigação sobre a ancestralidade do sujeito. Tudo se passa como se, tendo a difusão da reflexão psicanalítica arruinado o projeto autobiográfico ao colocar a impossibilidade de o Sujeito aceder à plena lucidez face ao seu próprio inconsciente, os escritores tivessem substituído a investigação da sua interioridade pela da sua anterioridade familiar. Pai, mãe, antepassados mais distantes são objetos de uma pesquisa da qual, sem dúvida, um dos últimos desafios é um melhor conhecimento que o narrador tem de si mesmo por meio daqueles de quem herda<sup>2</sup>.

Reviver, disfarçado nas lembranças, o passado se torna um processo construído através do lembrar e reconstruir a trajetória de antepassados que deixaram marcas na memória do narrador. Muitas vezes, objetos do tempo presente do narrador são os catalizadores do lembrar, tal qual a "madeleine de Proust", que evoca a infância perdida e as relações que não perduram no tempo. Cony discorre que o tempo que o pacote enviado por seu pai descortinou não foi o tempo perdido de Proust, mas um tempo desperdiçado.

Tempo que ficou fragmentado em quadros, em cenas que costumam ir e vir de minha lembrança, lembrança que somada a outras nunca forma a memória do que eu fui ou do que outros foram para mim. Uma quase-memória, ou um quase-romance, uma quase-biografia. Um quase-quase que nunca se materializa em coisa real como esse embrulho, que me foi enviado tão estranhamente. E, apesar de tudo, tão inevitavelmente (Cony, 1995, p. 95).

A forma de narrar os fatos passados, as escolhas feitas do que contar, as lembranças que despertaram outras lembranças vão construindo um vitral existencial em que a subjetividade dos pais e ancestrais, e consequentemente do/a narrador/a, vai se desvelando à medida que a trajetória ancestral vai sendo narrada. Entretanto,

mais do que uma exaltação das figuras anteriores ao sujeito-narrador, a narrativa de filiação visa problematizar a transmissão da herança. Demanze (2009, p. 12, tradução nossa) ressalta que

[...] o herdeiro contemporâneo se encontra então no coração de uma contradição, uma vez que, de um lado, ele diz adeus à longa duração do tempo genealógico para se inventar singularmente, ao passo que, de outro, ele sente ter o dever de ser o depositário das vidas ancestrais esvanecidas pela aceleração histórica da modernidade. [...] eles pressentem o que devem a seus pais, reconhecendo que são secretamente culpados pelo sacrifício deles. É como se esses herdeiros problemáticos estivessem dilacerados entre a necessidade moderna de uma destituição das figuras parentais para chegar a si e o desejo de uma restituição das vidas da ascendência para que elas não caiam no esquecimento<sup>3</sup>.

Diante da fragmentação das figuras ancestrais e da tradição engendrada pela Modernidade e levada ao extremo pela pós-modernidade, as narrativas de filiação parecem tentar restituir as heranças como forma de dar um contorno à subjetividade fragmentada do sujeito contemporâneo. A busca por resgatar e compreender essa herança descortina representações e interpretações da realidade que desvelam seu contexto sócio-histórico e também os meandros da memória e da temporalidade psíquica.

Apesar da impossibilidade de se escrever a vida e todas as lembranças de forma coesa e contínua, a narrativa de filiação, assim como a narrativa autobiográfica, fornece pistas acerca da subjetividade do escritor/narrador. Não temos como objetivo investigar se a verdade transmitida pelos textos autobiográficos ou de filiação é histórica ou não. Nosso olhar se volta particularmente à experiência compartilhada através do texto e à compreensão que o sujeito-narrador tem de si mesmo, revelada a partir da trajetória narrada de

<sup>2</sup> No original: "Cette forme littéraire a pour originalité de substituer au récit plus ou moins chronologique de soi qu'autofiction et autobiographie ont en partage, une enquête sur l'ascendance du sujet. Tout se passe en effet comme si, la diffusion de la réflexion psychanalytique ayant ruiné le projet autobiographique en posant l'impossibilité pour le Sujet d'accéder à une pleine lucidité envers son propre inconscient, les écrivains remplaçaient l'investigation de leur intériorité par celle de leur antériorité familiale. Père, mère, aïeux plus éloignés, y sont les objets d'une recherche dont sans doute l'un des enjeux ultimes est une meilleure connaissance du narrateur de lui-même à travers ce(lux) dont il hérite".

<sup>3</sup> No original: "L'héritier contemporain est ainsi pris au cœur d'une contradiction, puisque d'une part, il congédie la longue durée du temps généalogique pour s'inventer singulièrement, tandis que de l'autre, il doit se faire le depositaire des vies ancestrales estompées par l'accélération historique de la modernité. [...] ils pressentent ce qu'ils doivent à leurs parents, tout en reconnaissant qu'ils sont secrètement coupables de leur sacrifice. Tout se passe comme si ces héritiers problématiques étaient tiraillés entre la nécessité moderne d'une destitution des figures parentales pour advenir à soi et le souhait d'une restitution des vies de l'ascendance pour qu'elles ne sombrent pas dans l'oubli".

seus ancestrais. A *poiesis* de si, como (re)criação do eu (Lima; Viana; Lima, 2015), através do ato autobiográfico nomeado por Calligaris (1988), aponta para uma forma de amenizar o mal-estar desencadeado pelo desamparo existencial. Re-escrever o passado pode criar condições para a reescrita da própria subjetividade e para a busca de uma forma de unidade da própria identidade. Dessa forma, o ato autobiográfico aponta para o passado, mas também para o futuro.

### 1 Rememoração: busca do tempo perdido?

Analisaremos o quase romance publicado em 1995 por Carlos Heitor Cony, *Quase memória*, e algumas de suas crônicas autobiográficas que carregam também características de narrativa de filiação, para investigarmos como a temporalidade psíquica e a memória se manifestam em narrativas desse tipo. Carlos Heitor Cony nasceu em 1926, na cidade do Rio de Janeiro, e faleceu em 2018. Filho do jornalista Ernesto Cony Filho, seguiu a carreira do pai após estudar durante alguns anos no Seminário São José. Ao desistir da vocação eclesial, iniciou sua carreira jornalística auxiliando seu pai no *Jornal do Brasil* e se estabeleceu como jornalista, romancista e cronista, tendo atuado de forma marcante nesses campos.

Suas convicções políticas o levaram a ser preso seis vezes durante o regime militar. Cony afirmou, em entrevista (Roda Viva, 1996), que sua posição ante o golpe militar era humanística antes de ser política. Marcas suas na escrita são o pessimismo e o ceticismo. Cony se autodenomina ser 'do contra'. Na crônica "Roteiro" (Cony, 2010), afirma ser contra quase tudo e quase todos. Além disso, é extremamente cético quanto a si mesmo e sua obra. Foge da obviedade em sua escrita e em sua forma de se posicionar ante a vida e as pessoas. Em *Eu, aos pedaços*, Cony (2010, p. 7-9) inicia explicando o livro com o pessimismo e humor irônico que lhe são peculiares:

Sem armas e muito menos sem barões, assinalados ou não, enfrento afinal a epopeia às avessas de uma vida que não pedi, mas cuja

desimportante história me pediram para contar. Evidente que o texto deveria começar com a obviedade do meu nascimento, como quase todos os livros de memórias que foram escritos ao longo do tempo [...] Fiquei vinte e três anos sem escrever ficção, e não chorei pelo leite derramado. Verdade que mais tarde reincidi, ao meu jeito e circunstância, mas jamais me passou pela cabeça cometer a biografia de mim mesmo. Por diversos motivos, inclusive a redundância. [...] Numa das entressafas de minha vida conjugal, namorei uma jovem que era vidrada em leitura de cartas. Levou-me a uma cigana, acho que falsificada, era apenas uma húngara de terríveis olhos verdes. [...] Resumindo: meu caso era perdido, eu não teria futuro. Não dei muita importância à informação, mas a moça quis checá-la com outra famosa cartomante, uma baiana que atendia nas imediações da Gamboa [...] Ela confirmou a húngara de olhos verdes: eu não tinha futuro. Esse futuro que não tive é hoje o meu passado, feito de cartas que não mentem jamais e de pedaços que também mentem, mas nem sempre a meu favor.

O humor irônico presente em seus textos revela um olhar para si que reflete um ceticismo acerca da própria história. Desde a infância, Cony parecia estar destinado a não ter um futuro promissor. Sua demora em começar a falar – ele tinha um problema na língua que demorou a ser diagnosticado e resolvido –, seguida pela dificuldade com algumas palavras – ele trocava algumas letras –, os problemas na escola, mas, sobretudo, certas falas e olhares de seu pai revelam um contexto que não lhe previa sucesso. A entrada para o seminário teológico católico pareceu ser a forma segura de se garantir um futuro. Na crônica "O pião e a carrapeta", Cony (2010, p. 34) traz a seguinte lembrança de seu pai: "O pai pensou melhor. Olhou-me fundo, avaliou o pião escalavrado e sebento que eu trazia como um troféu. E lançou a profecia que se realizaria pela vida afora: – Você nunca será alguém, meu filho!". Acreditando, ou não, nessa profecia, o fato é que Carlos Heitor se consagrou como grande romancista e cronista brasileiro. Seus livros lhe renderam, além do reconhecimento social, vários prêmios: Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra, em 1996; prêmios Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, em 1996, 1998 e 2000; prêmios de melhor livro do ano em 1996, 1998 e 2000; prêmio na-

cional Nestlé de Literatura em 1997.

Apesar de suas crônicas serem, em maioria, acerca de fatos cotidianos, Cony publicou coletâneas de crônicas autobiográficas, dentre as quais destaco: *Os anos mais antigos do passado* (Cony, 2008), escrito aos 72 anos; *O Harém das Bananeiras* (Cony, 1999), aos 74 anos; *Eu, aos pedaços* (Cony, 2010), aos 84 anos. Suas crônicas refletem sua visão acerca de si mesmo, de sua história e da vida, além de retomar, em algumas delas, sua relação com seu pai, Ernesto Cony. Mesmo tendo superado todas as dificuldades e profecias negativas quanto ao seu futuro, Cony permaneceu cético, ao contrário de seu pai.

Como descrito em *Escritores criativos e devaneio* (Freud, 1996b), o devaneio e a escrita criativa são formas de lidar com a frustração do real. Cony afirma que percebeu que só escreve/cria quando está infeliz. "Amanhã farei grandes coisas" – frase que seu pai sempre dizia ao se deitar – se tornou uma busca quase inconsciente de Cony através da escrita e em uma espécie de herança recebida do pai e relatada em *Quase memória* (Cony, 1995). O romance se inicia com Cony recebendo um pacote, 'em mãos', que possuía todas as características de que havia sido enviado pelo seu pai – a caligrafia com o nome de Carlos Heitor Cony como destinatário, o papel pardo e o barbante com um nó que seu pai sempre fazia, o cheiro de alfazema, mangas e brilhantina. O detalhe é que seu pai havia morrido em 1985, dez anos antes da chegada do pacote, e todos os elementos desse pacote indicavam que a embalagem e a escrita eram recentes. Esse quase romance, nos dizeres do próprio autor, foi escrito após 21 anos sem publicar romance; o último havia sido *Pilatos*, publicado em 1974.

O período da vida de Cony, até *Pilatos*, foi marcado por seis prisões e perseguições a ele e sua família pela ditadura militar. No entanto, durante os anos em que permaneceu em abstinência literária, continuou a fazer jornalismo. Ao decidir escrever *Quase memória*, aos 70 anos de idade, Cony estava presenciando o sofrimento de sua estimada cadela Mila, que o acompanhava há 13 anos. Diante da possibilidade de perda e morte

de Mila, Cony sonhou com seu pai lhe entregando um embrulho. O mistério que cerca esse embrulho é, aos poucos, desembulhado e Cony retoma não somente a escrita de romances, mas sua infância e a relação com seu pai.

Carretero (2012, p. 37) afirma que

[...] a memória é sempre percebida em uma perspectiva dinâmica, ela está sempre sendo reconstruída, seu sentido é buscado através de um trabalho de interpretação, que é determinado pela situação atual daquele que narra sua história e do conjunto de circunstâncias presentes [...]. Entre os elementos presentes estão também as exigências do inconsciente. O trabalho da memória não existe sem o luto e da perda.

No romance e nas crônicas analisadas, percebemos essa reconstrução e busca por sentido almejadas por Cony, muitas vezes pela reconstrução da imagem de seu pai. O trabalho da memória que observamos durante a narrativa, e também em outras crônicas escritas nessa época, parece mostrar um trabalho de luto diante da perda desse pai; mas também um trabalho de elaboração e incorporação desse pai, ou pelo menos de algumas de suas características tidas como sua herança. A cada nova abordagem das cenas do passado, das peripécias e dos constrangimentos de seu pai, novos sentidos vão sendo agregados e novas facetas do próprio Cony vão sendo desveladas. *Quase memória* é uma narrativa que retrata, antes de tudo, a herança que Cony-pai deixou para Cony-filho:

Se ele viveu e morreu cheio de truques, de certa forma legou-me alguns deles. Foi sua herança, a melhor porque, entre outras coisas, única. Um desses truques foi me autodefender de memórias devastadoras. No caso dele, não apenas se defendia mas transformava a memória em aliada, fazia dela não apenas a sua testemunha mas a sua cúmplice. [...] Vez ou outra – como agora – surge um fato inesperado, mas não exatamente novo, como esse embrulho em minha mesa, cheio dele, vindo dele, feito por ele. Antes de ser objeto físico, limitado à sua superfície de papel e barbante, ele é um vasto embrulho de coisas que só ele saberia embrulhar, mas, ao embrulhar, com suas técnicas e truques, preparou até mesmo a ordem e a densidade com que deveria desembulhá-lo (Cony, 1995, p. 202).

O objeto que desencadeia o turbilhão de me-

mórias e fragmentos de lembranças adquire outras funções diferentes de sua função originária. Bernd (2018) ressalta que esse objeto de memória "faz memória" adquirindo uma nova função. No caso de Cony, deixa de ser um embrulho contendo algum objeto – originais, talvez, para que ele analisasse e escrevesse algo – para ser um embrulho de elementos de seu pai que lhe fez mergulhar novamente num passado que não passou. A presença de seu pai é tão forte em sua subjetividade que Cony-filho chega a afirmar que a ordem e a densidade das lembranças foram determinadas por seu pai, como se, mesmo do além-túmulo, ainda estivesse presente e fazendo as coisas do seu jeito. Entre idas e vindas de lembranças do passado, Cony-filho retoma o embrulho e suas características que remetem à figura de seu pai – o cheiro de alfazema, o nó do barbante, o papel e a caligrafia. Em determinado momento, Cony escreve:

De repente, não senti cheiro algum. Nada fizera além de olhar o embrulho imóvel, no centro da minha mesa de trabalho, eu também imóvel, viajando sem pressa e sem itinerário por cheiros antigos, cheiros que sentira, cheiros que pareciam vir do embrulho mas que, de repente, desconfeitei que vinham de mim mesmo (1995, p. 32).

As memórias recontadas na narrativa são como fragmentos de um vitral que vão compondo a imagem internalizada do pai, mas também de si mesmo. Como se fosse possível resgatar quem o pai foi e quem Cony era/é ao lado do pai.

## 2 Memória e o tempo da memória

A memória teria a função primordial, segundo Kehl (2009), de conferir uma permanência imaginária no psiquismo à medida que funciona como garantia de que algo possa se conservar ante a passagem do tempo que leva tudo ao fim. Assim, segundo essa autora, o tempo da memória não se encaixa nem na temporalidade atemporal do inconsciente – um tempo que nunca passa – nem

na temporalidade da atenção consciente – aquela marcada pelo ritmo do relógio. Esse tempo corresponderia "a uma permanência do passado na vivência atual do sujeito, que tanto confere significado às ações e percepções do presente quanto fornece, ao ser evocado, a medida do tempo percorrido", afirma Kehl (2009, p. 133). A ligação entre o antes e o depois, o passado e o futuro, é feita através da memória e de sua narrativa. A memória teria, por conseguinte, essa função a exercer: trazer ao conhecimento o que se passou, mas ainda permanece e constitui o ser tal como se apresenta no presente. Kehl (2009, p. 127) retrata a memória como uma "garantia de que algo possa se conservar diante da passagem inexorável do tempo que conduz tudo o que existe em direção ao fim e à morte".

A memória conserva em si um tempo que não passa. Nessa perspectiva, o passado estaria no campo do imaginário que se presentifica e não se esvai. Rubem Alves (2005, p. 17), em um belo texto sobre o tempo da velhice, afirma que "[...] as coisas se complicam quando é um velho contando estórias da sua infância. A saudade mistura tudo. A saudade não conhece o tempo. Não sabe o que é antes nem depois. Tudo é presente". Dessa forma, parece-nos que a rememoração se configura como uma espécie de busca pelo que se foi e ainda se presentifica no psiquismo, remetendo-nos à atemporalidade do inconsciente. Messy (2002, p. 119, tradução nossa) afirma que

[...] a memória depende, além da atenção ao objeto, do investimento das representações de coisas e de palavras relacionadas, no pré-consciente, a esse objeto, segundo as proposições freudianas. Devido à inscrição dos objetos em nossa memória pré-consciente ou inconsciente, ou no aparelho psíquico, se constituir a partir de representações do dito objeto, as representações de palavra que se ligam ao objeto se associam sob os diferentes modos perceptivos (visuais, acústicos, olfativos, gustativos, táteis)<sup>4</sup>.

O investimento das representações no psiquismo vai se refletir no peso afetivo que aquela

<sup>4</sup> No original: "La mémorisation dépend, outre de l'attention portée à l'objet, de l'investissement des représentations de choses et de mots liées, dans le préconscient, à cet objet, selon les propositions freudiennes. Car l'inscription des objets dans notre mémoire préconsciente et inconsciente, ou dans l'appareil psychique, se fait à partir de représentations du dit objet, sous les différents modes perceptifs (visuels, acoustiques, olfactifs, gustatifs, tactiles) associées à des représentations de mots en rapport à l'objet".

marca mnêmica teve. Ao eclodirem na consciência, essas representações associadas ao afeto evocam o tempo em que essas marcas foram feitas. As lembranças que retornam e evocam a sensação de um tempo que não passou apontam para a vivência de um passado que se presentifica. Na velhice, por exemplo, certas defesas superegoicas parecem se afrouxar, e as lembranças se despregam e surgem novamente como em uma tentativa de revivê-las. Iberê Camargo (2009, p. 52) ilustra bem essa vivência ao afirmar que durante a vida "[...] o passado vai esmaecendo. As recordações vão se apagando. Na velhice as lembranças se fragmentam, desmancham-se e sobem à tona da consciência, como bolhas de gás que se desprendem do fundo dos charcos".

Parece não ser à toa que o sonho do embrulho do pai tenha desembocado em uma narrativa sobre a sua presença na vida de Cony justamente em uma fase da vida em que os afrouxamentos superegoicos ocorrem. Cony estava com 70 anos quando escreveu *Quase memória*. Apesar de ser algo bastante característico da velhice, os fragmentos de memória não têm momento certo para surgir. Assim como a "*madeleine* de Proust" evoca as lembranças da infância enquanto o narrador caminha pelas ruas de Paris, a emergência dessas memórias pode aparecer a partir de coisas corriqueiras. Com uma temporalidade própria, o tempo da memória tem um funcionamento próprio. Cony (1995, p. 81, 171) reflete:

Alguma coisa me prende, nesta sala, nesta cadeira, os olhos fixos no embrulho. Até que estava me divertindo ao lembrar cenas antigas, pessoas antigas. Tudo é antigo, só o pai continua recente – e como!

[...] Desde que recebi o embrulho e vi a letra do pai tão inconfundível, tão dele e tão recente, o tempo deixou de funcionar. Lá fora anoiteceu, a secretária foi embora, todos foram embora, não senti fome nem pressa acho que o pai me mandou esse embrulho para isso mesmo, para que eu abrisse espaço e ficasse pensando nele – embora eu nunca tenha deixado de nele pensar, de forma fragmentada, a partir de pequenas coisas da minha vida e da vida dos outros. É a primeira vez, porém, que mando tudo para cima, compromissos e vontades, para curtir sua memória, essa presença física que ele me mandou, presença dela, cheiro dele, tudo dele. Nem vontade tenho de olhar

no relógio. O tempo parou. Entretanto, nunca o tempo foi tanto tempo.

No tempo que não passa, ressalta Le Poulichet (1996, p. 34), no tempo do inconsciente, "cumprem-se efetivamente acontecimentos que não cessam". De fato, as lembranças que sobem à consciência trazem sentidos significativos da dinâmica psíquica do sujeito e podem retomar questões que envolvem desde a luta contra a mortalidade até a retomada de situações não resolvidas do passado. Luta contra a mortalidade no sentido de que, ao narrar sua história de vida ou seu passado, tal qual em um romance, o sujeito deixa um registro de sua identidade e trajetória que poderá reverberar durante algumas gerações. Dessa forma, nas narrativas de filiação, o lembrar e recontar o passado para um outro – o possível leitor – se torna uma busca por resgatar um tempo que passou, mas também fazer com que a existência continue a reverberar nas lembranças de quem permanece vivo após a morte do sujeito-narrador.

Ao analisarmos narrativas de si, não se trata necessariamente de interpretarmos as recordações do passado que foram reconstituídas, mas a forma como o sujeito significou suas vivências passadas e as narrou. No *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1996d) e em *Lembranças encobridoras* (Freud, 1996c), Freud tece algumas considerações acerca das recordações e da forma como as vivências de prazer e desprazer do passado deixam marcas mnêmicas. As trilhas, que são abertas à medida que o sistema psíquico é compelido à satisfação, vão construindo a memória. Goldfarb (2004) afirma que a memória existe devido às possibilidades de satisfação existentes, ou seja, se todas as opções para a satisfação pulsional fossem igualmente possíveis, não existiria trilhas preferenciais, não existiria memória. As vivências anteriores de prazer ou desprazer são ligadas a objetos que continuam a reverberar no psiquismo. A forma como essas lembranças ressurgem na consciência vai nos dar pistas de como as buscas por satisfação pulsional evocam as relações de afeto construídas ao longo da vida. Além disso, refletem os processos

identificatórios e as formas como o psiquismo foi construindo o senso de identidade.

A partir da análise dos estudos de Piera Augagnier, Goldfarb (2004) traz importantes considerações sobre as amarrações entre o tempo e a memória e suas repercussões subjetivas. A memória seria composta pelas marcas de prazer e sofrimento que vêm associadas às representações e marcam os futuros investimentos. São os fragmentos de lembranças que conduzem à constituição do Eu e aos processos de historicização do sujeito. O tempo da memória não é linear, é multifacetado e sem a lógica aparente de sequência cronológica, pois é, antes, vivencial. Para essas autoras, existiria uma memória fundamental tripartida: (a) conjunto do memorizável – o que pode ser facilmente resgatado; (b) conjunto do reprimido – as representações que fizeram parte do memorizável e que foram apagadas pois poderiam desencadear vivências desprazerosas; (c) conjunto do 'automemorizável' – primeiras vivências de prazer e desprazer que são inconscientes, não possuem representação possível, mas deixaram marcas.

Nas narrativas de filiação, o encontro desses três conjuntos parece ocorrer de forma mais evidente. Esses três conjuntos dão sinais de convergência quando, por exemplo, Cony relembra dos balões de São João que seu pai sempre confeccionava todos os anos no mês de junho. Quando criança, Cony relembra, em *Quase memória*, o encanto que tomava conta da casa quando seu pai chegava, no fim da tarde, com as resmas de papel de seda colorido. Era trabalho para várias noites em que o menino lutava contra o sono para poder participar desse ritual. Tornou-se uma espécie de linguagem afetiva entre pai e filho. Depois de sua ida para o seminário e da proibição dos balões de São João, os junhos deixaram de ser vividos ao redor dos papéis coloridos. Cony relembra com detalhes o jeito único como o pai recortava, colava e montava os balões coloridos, parecia uma assinatura própria: "Tudo o que fazia era inconfundível. Ele não precisaria assinar o balão, como não precisou assinar este envelope que mandou agora para mim, sei

lá como, sei lá de onde e sei lá por quê" (Cony, 1995, p. 170). Anos mais tarde, após a morte de seu pai, em uma crônica "Escombros de junho", Cony (2010) escreve sobre as noites de junho do passado que invadem as noites do presente em forma de escombros melancólicos e de marcas quase indizíveis deixadas em seu psiquismo. Nessa crônica, Cony relembra com certa tristeza sua infância junto a seu pai, a infância das filhas e os eventos que as marcaram. A lembrança de algumas cenas da infância remete, em Cony, à perda de uma época de inocência, segurança e deslumbramento com o mundo. Cony, em uma espécie de desabafo, afirma:

Essas músicas juninas doem aqui dentro, fundo e irreparavelmente. [...] A gente passa pelas ruas e há sempre a vitrola berrando as canções de outros tempos e outras saudades. "*Cai, cai, balão, não deixa o vento te levar...*". A música é triste, feita pelo homem triste que acabou se matando, o Assis Valente, autor daquela canção de Natal que também é a coisa mais triste dos natais. Mas deixemos o Natal, que longe está, e enfrentemos com mão crispada este junho sem balões e sem fogueiras, este junho de apartamento e compromissos. "*A ventania de tua queda vai zombar cai, cai, balão, não deixa o vento te levar...*". Não há ventania por ora, e tudo parece sólido. Mas a canção despejada no fim da tarde me surpreende na rua cheia de gente apressada em busca de condução para casa. As luzes já estão acesas, e ninguém estanca para ouvir a canção. Só eu tenho tempo e motivo de parar e olhar o chão, em busca de raízes insepultas e dolorosas. As canções de Carnaval não doem tanto. [...] Mas, em junho, a infância retoma inteira, trazida nas mesmas canções e gostos. E não só a infância. Agora, já começa a nascer a nostalgia de outras infâncias: as garotas crescem e, em vez de gastarem o São João ao meu lado, preferem as festas onde acabam dançando *twist*. [...] Vejo a garotinha diante da mesa cheia de doces, alisando a toalha e batendo com os pés na cadência da música. Chego em silêncio e em silêncio surpreendo os olhos daquela menina-zinha que é minha filha. Estão cheios de balões e luzes, de fogos e carinhos. Fecho as mãos sobre sua cabeça e peço, a não sei quem, que guarde aquilo para mim, aquele mundo de magia e amor que cabe numa cabecinha tão pequenina e doce. Pelas paredes, os meus balões pendem como escombros coloridos. Gastara um mês fazendo balões, enormes, as crianças ajudavam como podiam, e não podiam muito, mas assim mesmo gostavam. E agora, quando a grande noite vai começar, eu agarro com desespero aquela frágil cabeça pedindo eternidade para meus balões e para minhas ambições, que não passam dos estreitos limites de duas garotas que vêm pedir para acender

as lanternas: – Tã na hora, papai! Eu valorizo a festa e a espera: – Falta um pouco ainda. O céu ainda está azulado. Depois, a noite caiu, negra, para sempre. Proibiram balões e, de minha janela do Posto 6, não posso soltar nem estrelinhas. As meninas dançam *twist*, e não tenho o que fazer a não ser roer a solidão [...]. Sim, tudo mudou, menos as canções, que são as mesmas. Fecho os olhos então e vejo passar sem ruído, na noite que cobre as minhas vergonhas, os balões de meu pai, mais tarde os meus próprios balões, iluminados, em silêncio. Balões que nunca me libertaram de seu legado de tristeza, mansidão e fragilidade. E, triste e manso, fecho as janelas para proteger a inútil fragilidade do homem acorrentado em seus fantasmas de papel fino (Cony, 2010, p. 45-47).

As perdas da própria infância e da infância das filhas parecem concretizar as perdas sentidas pela passagem do tempo cronológico. As lembranças se misturam e alternam entre a própria lembrança dos balões de seu pai e sua relação com as filhas. Os balões, apesar de aparentemente livres e soltos pelo ar, estão impregnados de tristeza, mansidão e fragilidade. Ao fechar a janela, Cony parece novamente voltar-se a seu mundo como forma de se proteger da angústia frente às perdas decorridas do tempo que foge. O ato de tentar proteger-se ao fechar a janela é descrito em outras crônicas<sup>5</sup> e reflete tentativa de elaboração da angústia. Em *Quase memória*, o autor escreve:

Saber que o meu balão não mais existia doeu. E só não doeu mais porque esse balão frequente meus sonhos, frequenta sobretudo – e até hoje – minhas insônias. É quando, de repente, iluminado e silencioso, ele se ergue, roxo e branco, e passa pela minha memória, lentamente, cobrando-me o legado que me deixou, um legado de tristeza, mansidão e fragilidade (Cony, 1995, p. 101).

Recuperar o tempo perdido, e a memória dos balões de São João, parece ser uma metáfora para o encontro de si mesmo e de um sentido para a vida vivida. O tempo que passou não pode ser recuperado, mas as lembranças, quando ressurgem, formam um vitral com peças fragmentadas que dão um contorno à subjetividade. No caso das narrativas de filiação, inicialmente,

o objetivo seria compor o vitral que recomponha a imagem do pai ou da mãe ou de uma figura parental, mas, ao final, o que vemos é um vitral do próprio autor-narrador. Ao relembrar e recontar histórias sobre os pais ou ancestrais, o sujeito-narrador vai compondo esse vitral que reflete quem ele é a partir daqueles que compuseram os laços afetivos de sua vida. Esse encontro consigo através da evocação das lembranças e reafirmado por Borges (2000, p. 11) em *O outro*, "Afinal de contas, ao rememorar, não há pessoa que não se encontre consigo mesma", traz à tona aspectos da subjetividade. Ricœur (2007, p. 107), em estudo sobre tempo, memória e esquecimento, destaca a reflexividade do verbo "lembrar-se" nas línguas latinas e destaca: "ao se lembrar de algo, alguém se lembra de si".

Benjamin (2000) ressalta, a partir de Proust e Bergson, que a memória involuntária se coloca em contraposição à memória voluntária que está à disposição do intelecto e da volição. Tal como constata Cony no trecho citado, Benjamin afirma que todos os esforços do intelecto em tentar rememorar o passado são inúteis. O passado se encontra fora do alcance do intelecto, mas se acha, nas palavras de Proust (*apud* Benjamin, 2000, p. 36), "[...] em qualquer objeto material (ou na sensação que nos provoca tal objeto), que ignoramos qual seja. Que encontremos este objeto antes da morte ou que não o encontremos jamais, depende unicamente do acaso". A memória involuntária seria, portanto, a que conserva as impressões do passado e das situações vivenciadas. Ela corresponderia ao repertório íntimo do sujeito, mas com certas interlocuções com elementos da memória coletiva, ressalta Benjamin (2000).

As lembranças involuntárias que "se fragmentam, desmancham-se e sobem à tona da consciência, como bolhas de gás que se desprendem do fundo dos charcos", como declarou Iberê Camargo (2009, p. 52), sobrepõem a memória voluntária da consciência. Freud desenvolve teoricamente essas questões a partir da experi-

<sup>5</sup> "Os anos mais antigos do passado" (2008, p. 15-17); "A janela e o menino" (2008, p. 250-251); "Autorretrato" (1999, p. 267-268; 2010, p. 160-162).

mentação de sua clínica. Com o desenvolvimento da técnica da associação livre, o afrouxamento das defesas psíquicas permitiu que traços mnêmicos inconscientes emergissem à consciência – fenômeno observado, de forma semelhante, na construção dos sonhos. Frequentemente essa memória aparece de forma fragmentada, antes de compor uma lembrança mais ampla. Freud (1996c) ressalta, em *Lembranças encobridoras*, como, de fato, várias lembranças permanecem inconscientes e como certas lembranças, muitas vezes sem importância, podem encobrir fatos relevantes para a compreensão do sujeito. Assim como a *madeleine* embebida de chá levou Proust a rememorar seu passado, objetos e partes irrelevantes da realidade podem suscitar memórias ocultadas e 'esquecidas'.

Em *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*, Freud (1996f) afirma que o ato de recordar, nos adultos, utiliza diversos materiais psíquicos, como imagens, sons, cheiros. Essa abertura da "gaveta dos guardados" (Camargo, 2009, p. 31) revela as marcas duradouras que fundamentaram a subjetividade do sujeito. A sensação de continuidade entre o passado e o presente e a atribuição de significado ao que é vivido são dadas a partir da permanência das marcas mnêmicas no psiquismo. Em Cony, nas suas quase memórias, o embrulho enviado pelo pai parece fazer eclodir uma necessidade de resgate ou de redescoberta da própria identidade através da reconstrução da imagem de seu pai. A busca pelo passado aponta para uma busca por si mesmo, por um sentido diante da possibilidade do cessar tudo da morte.

Nas quase memórias de Cony, a inevitabilidade da chegada do pacote em seu escritório fez ressurgir as inevitabilidades de certos eventos em que vivia com seu pai – as inevitáveis noites de junho e seu pai adentrando a casa com um rolo de papel de seda para a confecção dos balões de São João. O pai fazia questão de comprar o melhor papel de seda para que a cor não borrasse e o balão não se rasgasse. Diferentemente de datas como o Natal, o Carnaval ou as férias, o dia de São João era especial para o menino Cony:

Eu sabia que aquele dia sempre chegava, não ansiava pelos Natais, pelos Carnavais, pelas férias em rodeio ou Paquetá. Eram acontecimentos que gostava quando aconteciam mas não sofria esperando que acontecessem, podiam vir ou não vir, pertenciam a todos, não eram meus exclusivamente, não me fariam falta, não criariam aquele clima de estar com ele, de participar com ele da formidável sequência de dias e noites fazendo balões (Cony, 1995, p. 95).

A relação com seu pai e essa presença marcante dele na infância de Cony faz ecoar uma melancolia no Cony adulto e velho. A herança das noites de São João, da feitura dos balões e da relação de admiração e deslumbramento que seu pai lhe deixou não foi transmitida por Cony a suas filhas. O escritor retoma, na crônica "A noite mais fria" (Cony, 1999, p. 203-204), cenas da infância e as aproxima de sua velhice; os balões de São João, soltados na noite mais fria do ano, são utilizados como metáforas para a busca por compreensão da vida e da morte:

Não foi só o clima da Terra que mudou. Eu também mudei [...]. Da minha varanda, olho a noite de São João e eu procuro a luz de uma fogueira. Sei que mais tarde, no silêncio da madrugada, passará pelo céu o Rei dos Reis, o enorme balão que soltam todos os anos, formidável em seu rastro de luz e liberdade. É um crime e, ao mesmo tempo, um assombro. Quem o faz, quem o solta, de onde vem, para onde vai – o balão colossal tem as mesmas indagações, as mesmas não-respostas de nós homens, que não sabemos quem nos fez, de onde viemos e para onde vamos. Se não tivesse me corrompido tanto, não estaria aqui na varanda, olhando a Lagoa sem a alegria de uma só fogueira iluminando e aquecendo a noite, esperando a madrugada para ter a certeza de que ainda resta alguma coisa que valha a pena. Eu próprio teria feito meu balão, clandestinamente – faço coisas clandestinas e menos inocentes por aí. Sim, mudei muito, a noite de hoje não será a mais fria. Eu é que fiquei mais frio. Se o balão se incendiasse em cima da Lagoa, sepultado em seu túmulo de fogo, eu ficaria sabendo que era o meu último balão. Nunca mais o esperaria e todas as noites seriam a mais fria do ano.

O Cony-velho, ao observar o mundo à sua volta, parece se ver fora do tempo, fora de lugar. Cony observa a noite de São João e a compara aos "anos mais antigos do passado", quando a vida era simples e ingênua, tal qual seu pai. As mudanças percebidas por ele vão além das

mudanças climáticas e das proibições de soltar balões. Ele mudara e se corrompera; seu pai, não. Ele permanecera fiel à sua alegria de viver e de buscar fazer grandes coisas, construindo narrativas exageradas e encantadas como forma de contornar a angústia própria da vida. Nessa espécie de desabafo ante a mudança, podemos perceber certa melancolia pelo que se perdeu com o amadurecimento: os balões soltos na companhia do pai, o calor das fogueiras que aqueciam as noites e as pessoas à sua volta, a aventura de viver ao lado de seu pai, a segurança de um mundo pequeno e conhecido. Cony transparece não se sentir parte desse mundo adulto, apesar de desfrutar das clandestinidades permitidas ao adulto. Essa dicotomia revela que os embates psíquicos entre o que se quer e o que se pode, quem foi e quem é, percorrem toda a vida. Ele se percebe como um herdeiro do seu pai, talvez um quase herdeiro, já que não possui mais o encantamento e a alegria que seu pai tinha.

Enquanto notamos, em Cony, uma espécie de melancolia e desencantamento, a imagem de seu pai na velhice é bem diferente. Ao final de *Quase memória* (Cony, 1995), conseguimos identificar uma imagem de seu pai Ernesto, cujas esperanças de um futuro brilhante não morriam. Cony (1995, p. 209) repete, no decorrer da narrativa, a frase que seu pai sempre dizia antes de ir dormir: "amanhã farei grandes coisas". Embora sofresse com problemas cardíacos, seu pai permaneceu ativo até sua morte. Cony descreve uma velhice que, apesar de cheia de viagens e encontros sociais, foi marcada por períodos de melancolia e progressivo desligamento do mundo. Entretanto, a imagem de um pai forte com uma visão positiva do futuro permaneceu intocável mesmo diante da morte (Cony, 1995, p. 190-191):

Em janeiro de 1985 foi a vez dele, um fim sem uma doença específica, só um acabar porque não tinha mais nada a fazer, pois fizera tudo o que desejava fazer [...] Naquele último dezembro, [...] ele já estava andando com dificuldade, os noventa e um anos pesavam em suas pernas, em seu corpo. Na cadeira de rodas que o levou ao carro [para ser internado], ele de

repente fez um gesto. Percebeu que aquela seria a última vez que saía de sua casa, que via o Tudo Azul [sitio onde morava], ouvia o barulho do riacho represado, o cheiro de seu limoeiro, de seu pé de romã. Olhou em torno [...] Fez um gesto em volta do pescoço e eu entendi que ele queria a gravata. Fui até seu armário, custei a encontrar a gravata, finalmente achei. Quis eu próprio dar o laço, mas ele não deixou. [...] continuou relutante, agora passando a mão sobre a cabeça. A boina basca [que havia sido presente de Carlos Heitor] foi mais fácil de achar e de colocar. Mas quem éramos nós, seus filhos, para conhecer os seus truques? Quando sentiu a cabeça coberta, levantou a mão e, num repelão formidável, amassou-a num dos lados, tornando-a sua, integrando-a em sua matéria, fazendo da boina, da gravata e dele inteiro um homem, um homem inteiro, completo, um homem que sabe todas as coisas e por isso está indo embora.

O passado, de certa forma, existe apenas quando é lembrado e "criado e recriado na interação com as experiências presentes e futuras, e com o significado, interpretações e metáforas atribuídos a essas experiências"<sup>6</sup>, observam Cohler e Cole (1996, p. 30, tradução nossa). As fotografias, os fragmentos de lembranças são, muitas vezes, angustiantes porque trazem à tona imagens narcísicas de um Eu-ideal da infância que nunca existiu de fato, apesar de acreditarmos nele. O tempo perdido revela um Eu perdido, um Eu-ideal inalcançável.

Alguns de seus textos demonstram como a volta para dentro de si e para o passado revela a fragmentação do tempo e pode conduzir o sujeito a uma aceitação da incompletude da vida e de si mesmo. Em *Quase memória*, Cony (1995, p. 95) afirma:

Tempo que ficou fragmentado em quadros, em cenas que costumam ir e vir de minha lembrança, lembrança que somada a outras nunca forma a memória do que eu fui ou do que outros foram para mim. Uma quase-memória, ou um quase-romance, uma quase-biografia. Um quase-quase que nunca se materializa em coisa real como esse embrulho, que me foi enviado tão estranhamente. E, apesar de tudo, tão inevitavelmente.

As quase memórias, marcas mnêmicas em constante reinscrição, religação, reatualização,

<sup>6</sup> No original: "the past exists only as it is remembered and created and re-created in the interaction with the present and future experiences and the meaning, interpretations, and metaphors ascribed to those experiences".

como analisa Freud (1996e), apontam para a forma como a subjetividade vai, durante toda a vida, se constituindo e cuja escrita não cessa. São as narrativas que auxiliam o sujeito a manter seu senso de continuidade e integridade. Em estudo acerca dos atos recíprocos presentes nos atos de contar e ouvir histórias, Cohler e Cole (1996, p. 63, tradução nossa) ressaltam que

[...] o indivíduo mantém um senso de continuidade ou integridade pessoal por meio da continuidade de narrativas ou histórias que fornece uma compreensão atual do curso do passado relembrado, do presente experienciado, e do futuro antecipado; tudo dentro de um relato linear que corresponde à organização do tempo dentro de nossa própria cultura<sup>7</sup>.

Entre as quase memórias retomadas por Cony e em seus livros de crônicas, a figura de seu pai é frequente<sup>8</sup>. Após a morte de seu pai, Cony o descreve a partir da imagem de suas mãos que lhe trazem várias recordações em "As mãos do homem" (2008, p. 247-249; 2010, p. 38-40):

Sim, agora tudo acabara. Ele contempla as mãos do homem. Estão quietas, finalmente, depois da agitação dos últimos dias, depois de sua missão pela vida inteira. Mãos que não se gastaram em 55 anos de jornalismo antigo. Mãos espertas em muitos ofícios do viver, faziam brinquedos para a infância dos filhos, e, pelo Natal, aqueles fantásticos presépios, a gruta iluminada, a estrela que conduzia os reis magos coberta de purpurina prateada. Mãos que ajudaram o filho: um defeito na fala impedira o menino de cursar as escolas, o jeito foi ensinar o garoto a escrever e a ler, aquela mão que agora está parada segurava a mão do guri e ia desenhando as letras, até hoje o filho tem a mesma letra do pai. Sobretudo, mãos que fabricavam os balões que encheram a infância do menino, balões enormes, coloridos, encantados [...]. Mãos que, depois de morto, nem pareciam cansadas: apenas repousavam sobre o peito, finda a maravilhosa função do seu viver. Mãos que começaram a ficar mais brancas e mais quietas: dentro delas, o nada cheio de tudo o que ele fora. Mãos que, antes que se apagassem definitivamente, foram beijadas pelo filho – mãos de meu pai.

Em várias crônicas, as lembranças das festas juninas, durante as quais Ernesto realizava seu

ritual anual de construir e soltar balões, são retomadas. Além da lembrança e do significado dos balões que retratamos anteriormente, as descrições que Cony faz desse ritual deixam transparecer momentos de profunda ligação com seu pai. Além das lembranças dos balões paternos, o escritor relembra e reconta a diligência de seu pai em ensiná-lo a ler, escrever e falar normalmente. Seu pai se dedicou durante seis meses a ensiná-lo, em casa, para que pudesse ingressar no seminário católico. Durante esse período de aprendizagem doméstica, Cony conseguiu vencer algumas de suas dificuldades e ingressou no seminário. O cuidado de seu pai com sua batina e enxoval para o seminário é retratado em *Quase memória* com minuciosas descrições dos objetos preparados pelo pai: o pote de brilhantina, as batinas confeccionadas de alpaca em Roma sob encomenda, o canivete, o copo de alumínio com suas iniciais – CHC – gravadas. Esse cuidado paterno acompanhou as lembranças de Cony e se evidencia em várias crônicas.

Cony destaca características de seu pai: as mãos, a caligrafia e o nó do embrulho, sua mania de perfeição, o cheiro de alfazema e brilhantina, além da teimosia e visão positiva quanto ao futuro, apesar dos problemas do presente. Na crônica "O buraco da memória" (Cony, 2010, p. 53-54), escreve:

Memória também é um buraco, quanto mais se tira matéria, mais matéria aparece. [...] Mexendo em papéis antigos, dei com um dos testamentos que o pai fazia de vez em quando, nos raríssimos momentos em que não tinha nada a fazer. Eram muitos os seus testamentos, suas últimas declarações e vontades. Começava invariavelmente perdendo todos os seus inimigos – e ele nunca teve um inimigo. Não levava mágoas de ninguém, pois nunca se sentia magoado, um bom-dia que recebia do vizinho ou do leiteiro era uma homenagem, um tapete vermelho estendido à sua frente. Acreditava que todos gostavam dele porque gostava de todos. [...] O último, feito pouco antes do fim, foi o mais enigmático, ele que não tinha enigma nenhum, era transparente e colorido como um vitral de igreja. Deixou

<sup>7</sup> No original: "Individuals maintain a sense of personal continuity or integrity by means of a continuing narrative or story which provides a present understanding of the course of the remembered past, experienced present, and anticipated future; all within a linear account which corresponds to the organization of time within our own culture".

<sup>8</sup> Faço referência aqui ao livro *Quase memória* (1995) e às crônicas "As mãos do homem" (2008, p. 247-249; 2010, p. 38-40), "Noites de junho" (2008, p. 162-163), "A noite mais fria" (1999, p. 203-204) e "Escombros de junho" (2010, p. 45-47).

um embrulho para mim, embrulho que nunca abri. Foi a forma que encontrei para que ele continuasse perto de mim.

Em entrevista, Cony (2001, p. 43) ressalta: "O embrulho de *Quase memória* tem a mesma função da *madeleine* no chá de Proust. Aliás, eu nem precisei abrir o embrulho para desembulhar todas aquelas lembranças do pai em *Quase memória*". Esse livro, de fato, demonstra a maneira que Cony encontrou de reencontrar-se com seu passado e com seu pai. Ele afirma que sua relação com Ernesto Cony nunca foi de carinho, mas que "ele [pai] ficaria muito surpreso se visse *Quase memória*" (Cony, 2001, p. 34).

### Considerações finais

O tempo de *Quase memória* nos remete ao tempo do inconsciente que ultrapassa barreiras materiais e se presentifica, trazendo consigo as mais variadas sensações corporais e lembranças. Esse tempo se atualiza constantemente e, nesse quase romance, assim como em outras crônicas, os afetos ligados à figura do pai estão em constante rearranjo. Ora Cony demonstra vergonha e embaraço, ora raiva, ora enternecimento. Mas, o tempo todo, se vê diante da identificação com a figura do pai e da própria identificação como um herdeiro imperfeito do seu legado.

As identificações envolvem processos de síntese, em que elementos herdados são incorporados ao psiquismo e outros são descartados ou transformados. A questão da herança, elemento caro aos estudiosos dos romances de filiação, parece avançar para além dos dois tipos preconizados por Bernd (2018), a partir de Demanze e Viart: (a) o herdeiro que deseja estabelecer uma continuidade geracional, "conservando e transmitindo às próximas gerações o legado das gerações anteriores do qual o narrador sente-se herdeiro e porta-voz" (Bernd, 2018, p. 33); e (b) o herdeiro rebelde, "problemático e inquieto [...] que constrói as narrativas de filiação para exumar os vestígios de uma herança em farelos e alinhar os farrapos de sua memória destruída" (Demanze, 2009, p. 9) que repudia o legado paterno ou materno.

O quase romance de Cony parece indicar um

herdeiro ambivalente que aceita parte da herança, mas nega outra. Desde o primeiro capítulo, o autor já evidencia a ambivalência que carrega acerca da herança paterna: "nem precisaria abrir o embrulho para saber quem o enviara. Era ele, ELE mais uma vez e sempre, querendo ser útil e necessário, querendo agradar mas conseguindo apenas embaralhar meu caminho" (Cony, 1995, p. 11). Cony segue os passos do pai na escrita como forma de estar no mundo – seu pai era professor concursado da prefeitura e trabalhou durante toda a sua vida como jornalista e redator. Cony, além de ser jornalista e de ter substituído seu pai durante alguns períodos de sua vida, foi um escritor bastante prolífico, que utilizava da palavra escrita para expressar suas opiniões, seus desejos, sua subjetividade. Por outro lado, não dá continuidade ao legado do otimismo e da certeza de que "amanhã fará grandes coisas". Cony é mais voltado para o seu interior e para a melancolia.

As articulações entre temporalidade e memória, analisadas na construção da narrativa de *Quase memória*, nos mostraram, também, as funções que as narrativas memorialistas de filiação cumprem, de acordo com Bernd (2018): transmissão, reflexividade e revivescência. A transmissão designa a afiliação como um reconhecimento de uma inscrição geracional e o desejo de perpetuá-la. A transmissão parece ser um desejo que deriva da constatação da efemeridade da vida e da necessidade de perpetuá-la através de uma narrativa que sobreviverá ao tempo. A reflexividade conduz o narrador à análise do passado a partir do tempo presente. E a revivescência abre possibilidades para que elementos da memória que estavam ocultos e esquecidos pela consciência possam ser lembrados, permitindo reviver sabores, cheiros, sons e afetos passados. Todas essas funções nos auxiliam a compreender melhor elementos que ocupam a preocupação de estudiosos e literatos há muito tempo – o poder do tempo da memória para a elaboração de perspectivas de compreensão do tempo presente e do psiquismo humano. Como analisado por Gagnebin (2014, p. 18), "escrevemos

para sobreviver, para não morrer por inteiro, ou para deixar algo durável, para deixar um rastro ou uma marca de nossa passagem [...] queremos também, como os mortos da *Odisseia*, que nosso nome não caia no esquecimento".

O tempo decorrido e o amadurecimento do sujeito ao longo da vida, somados à narração que sempre ocorre *a posteriori*, trazem novos sentidos e novas ordenações às memórias, como ressaltava Carreteiro (2012). Essa forma de compreender as narrativas de si reforçam a afirmação de Bosi (2007, p. 419): "Um desejo de explicação atua sobre o presente e o passado, integrando suas experiências nos esquemas pelos quais a pessoa norteia sua vida. O empenho do indivíduo em dar um sentido à sua biografia penetra as lembranças com um 'desejo de explicação'". Faço o fechamento deste texto com uma afirmação de Viart (2009, p. 80), que ressaltava o desejo presente na escrita pela via da narrativa de filiação: "O relato do outro – pai, mãe ou tal antepassado – é o desvio necessário para chegar a si, para se compreender nessa herança: a narrativa de filiação é um substituto da autobiografia".

## Referências

ALVES, Rubem. *O velho que acordou menino*. São Paulo: Planeta, 2005.

BAKHITIN, Mikail. *Estética da criação verbal*. 5. ed. Tradução: P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010. Originalmente publicado em 1979.

BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. 2. ed. Tradução: H. Silva; A. Brito; T. Jatobá. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000. Originalmente publicado em 1955.

BENJAMIN, Walter. O contador de histórias. In: BENJAMIN, Walter. *Linguagem, Tradução, Literatura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2024. p. 139-166. Originalmente publicado em 1936.

BERND, Zilá. *A persistência da memória: romances da anterioridade e seus modos de transmissão intergeracional*. Porto Alegre: BesouroBox, 2018.

BORGES, Jorge Luis. O livro de areia. In: BORGES, Jorge Luis. *Obras completas de Jorge Luis Borges*. Tradução: L. M. Averbuck. São Paulo: Globo, 2000. p. 9-15. v. 3. Originalmente publicado em 1975.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Originalmente publicado em 1979.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Estud. Hist.*, [s. l.], v. 21, p. 43-58, 1998.

CAMARGO, Iberê. *Gaveta dos guardados*. Organização: A. Massi. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CARRETEIRO, Teresa Cristina. Vidas fazendo história e construindo histórias de vida. In: VIANA, Terezinha; DINIZ, Glaucia; FORTUNATO, Liana; ZANELLO, Waleska (org.). *Psicologia clínica e cultura contemporânea*. Brasília: Liber Livros, 2012. p. 33-47. (Coleção Psicologia Clínica e Cultura UnB).

CELES, Luís Augusto Monerat. A psicanálise no contexto das autobiografias românticas. *Cadernos da Subjetividade*, [s. l.], v. 1, n. 2, p. 177-203, 1993.

COHLER, Bertram; COLE, Thomas. Studying older lives: reciprocal acts of telling and listening. In: BIRREN, James; KENYON, Gary; RUTH, Jan-Erik; SCHROOTS, Johannes; SVENSSON, Torbjorn (ed.). *Aging and biography: explorations in adult development*. New York: Springer, 1996. p. 61-76.

CONY, Carlos Heitor. *Cadernos de Literatura Brasileira – Carlos Heitor Cony*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2001.

CONY, Carlos Heitor. *Eu, aos pedaços*. São Paulo: Leya Brasil, 2010.

CONY, Carlos Heitor. *O harém das bananeiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

CONY, Carlos Heitor. *Os anos mais antigos do passado*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. Originalmente publicado em 1998.

CONY, Carlos Heitor. *Pilatos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. Originalmente publicado em 1974.

CONY, Carlos Heitor. *Quase memória: quase-romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DEMANZE, Laurent. Les possédés et les dépossédés. *Études Françaises*, [s. l.], v. 45, n. 3, p. 11-23, 2009. DOI: <https://doi.org/10.7202/038826ar>.

FREUD, Sigmund. Construções em análise. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. p. 274-287. 23 v. Originalmente publicado em 1937.

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneio. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. p. 135-143. 9 v. Originalmente publicado em 1908.

FREUD, Sigmund. Lembranças encobridoras. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. p. 287-304. 3 v. Originalmente publicado em 1899.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. p. 335-468. 1 v. Originalmente publicado em 1895.

FREUD, Sigmund. Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996f. 6 v. Originalmente publicado em 1901.

FREUD, Sigmund. Uma nota sobre o 'bloco mágico'. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996e. p. 255-259. 19 v. Originalmente publicado em 1925.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin*. São Paulo: Editora 34, 2014.

GOLDFARB, Delia. *Do tempo da memória ao esquecimento da história: estudo psicanalítico das demências*. 2004. 224 f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

HELLER, Agnes. *El hombre del Renacimiento*. Tradução: J. F. Ivars; A. P. Moya. Barcelona: Ediciones Peninsula, 1980.

KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009.

LE POULICHET, Sylvie. O tempo na psicanálise. Tradução: L. Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

LIMA, Priscilla Melo Ribeiro de; VIANA, Terezinha de Camargo; LIMA, Sostenes Cezar de. Estética e poética da velhice em narrativas autobiográficas: um estudo à luz da psicanálise. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, [s. l.], v. 15, n. 1, p. 58-78. 2015.

MESSY, Jack. Voyageurs sans bussoles. *Revista Kairós Gerontologia*, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 113-124. 2002.

NORONHA, Jovita Maria Gerheim. Em nome do pai: La dernière année de Philippe Vilain. *Organon*, [s. l.], v. 29, n. 57, p. 113-134. 2014. DOI: <https://doi.org/10.22456/2238-8915.48415>.

RICCEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Tradução: A. François. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

RODA VIVA. *Carlos Heitor Cony*. [Entrevista com Carlos Heitor Cony realizada em 15 de janeiro de 1996]. 1996. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=unxklgiTWUQ&t=2325s>. Acesso em: 30 jan. 2013.

ROSARIO, Cláudia Cerqueira. O lugar mítico da memória. *Morpheus* – revista eletrônica em ciências humanas, v. 1, n. 1, p. 1-6. 2002.

VIART, Dominique. Le silence des pères au principe du 'récit de filiation'. *Études Françaises*, [s. l.], v. 45, n. 3, p. 95-112. 2009. DOI: <https://doi.org/10.7202/038860ar>.

---

## Priscilla Melo Ribeiro de Lima

Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Brasília (PPG-PSICC/UnB), com estágio-pós-doutoral em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura pela Universidade de Brasília (PosLIT/UnB). Docente do curso de Psicologia (FE/UFG), do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás (PPGP/FE/UFG) e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (PPGLL/FL/UFG).

---

## Endereço para correspondência

### PRISCILLA MELO RIBEIRO DE LIMA

Universidade Federal de Goiás

Faculdade de Educação

Rua 235, s/n, Setor Universitário, 74605-050

Goiânia, Goiás, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*